

Maria de Lourdes Tôrres Horta Guimarães



**O PROFESSOR DE ARTE EM UMA VIVÊNCIA
EXTRAMUROS ESCOLARES**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Itabira
Escola de Belas Artes da UFMG
2013

Maria de Lourdes Tôrres Horta Guimarães

**O PROFESSOR DE ARTE EM UMA VIVÊNCIA
EXTRAMUROS ESCOLARES**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Kleumanery de Melo Barbosa

Itabira
Escola de Belas Artes da UFMG
2013

Guimarães, Maria de Lourdes Tôrres Horta, 1958 - O professor de Arte em uma vivência extramuros escolares: Especialização em Ensino de Artes Visuais / M. Lourdes Torres Horta Guimarães – 2013.
19 f.

Orientadora: Kleumanery de Melo Barbosa

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Barbosa, Kleumanery de Melo II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *O professor de Arte em uma vivência extramuros escolares*, de autoria de Maria de Lourdes Tôrres Horta Guimarães, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Kleumanery de Melo Barbosa - Orientador

Professor/a Avaliador/a

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Itabira, 2013

Dedicatória

Dedico essa monografia a todos os meus familiares e grandes amigos que me fortalecem a cada dia nessa minha caminhada

AGRADECIMENTOS

- Aos meus filhos Letícia, Mário e Maria Clara, pelo carinho e amor, por tantas vezes que, mesmo com um olhar, diziam “continue, você é capaz”, quando eu insistia em pensar em desistir.
- À Jordelina Wykrota, por me indicar o caminho.
- À sobrinha Marina, por ser muito prestativa cedendo-me um instrumento valioso que utilizei neste trabalho.
- Em especial ao meu cunhado, Dílio, e à minha irmã, Eliana, por me receberem sempre de portas abertas na sua casa em Itabira todos esses meses.
- À minha Orientadora, Kleumanery de Melo Barbosa, pelas valiosas contribuições.
- Aos tutores, Josias Gomes e Álvaro Augusto Tomé, pelo acompanhamento fraterno e constante.

*Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades
para a sua própria produção
ou a sua construção.*

Paulo Freire

RESUMO

Essa monografia apresenta uma pesquisa realizada entre dois tipos de professor que lecionam Artes: o professor que tem um trabalho artístico, mesmo que pequeno, e o professor que não tem esse trabalho artístico paralelo. Descreve uma breve trajetória do ensino de Arte no Brasil e faz uma reflexão da importância da Arte e do professor desta disciplina, que integra o Currículo Escolar da Educação Básica. O ensino de Artes Visuais é parte integrante da educação de toda criança e adolescente. Ao professor cabe a responsabilidade de unir o aluno com as Artes Visuais. Esta pesquisa também descreve uma breve trajetória do ensino de Arte no Brasil e faz uma reflexão da importância da Arte e do professor de Arte para o desenvolvimento integral da criança e do adolescente.

Palavras-chave: Arte. Ensino de Artes. Professor de Arte. Artes Visuais. Arte-educador.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – Professores com atividades paralelas ao ensino da Arte.....	26
GRÁFICO 02 – Formação dos professores entrevistados.....	27
GRÁFICO 03 – Forma de conhecimento para a visita às exposições.....	27
GRÁFICO 04 – Frequência de visitas anteriores.....	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. BREVE HISTÓRIA DO ENSINO DE ARTES NO BRASIL.....	13
1.1. A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA ESCOLA.....	17
2 O NOVO PAPEL DO PROFESSOR DE ARTE	20
3 A PESQUISA	24
3.1 METODOLOGIA ADOTADA NA PESQUISA.....	24
3.2 RESULTADOS OBTIDOS NA PESQUISA.....	26
3.3 ANÁLISE DA PESQUISA E DISCUSSÃO DOS DADOS	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXOS.....	35

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz uma reflexão sobre o professor de Arte que tem uma produção artística paralela como professor e o professor de Arte que não tem essa experiência. Busca descobrir se a vivência em Arte do professor pode contribuir para que suas práticas em sala de aula possam ser mais eficientes que as do professor que não tem esse trabalho artístico paralelo.

O ensino de Artes Visuais é de grande importância na educação de toda criança e adolescente. Ao professor, cabe a responsabilidade de unir o aluno às Artes Visuais, trazendo a Arte para junto de seus alunos - por isso sua atuação é fator de pesquisa.

Falar sobre a atuação de professores de Artes Visuais é bastante interessante, pois cada um carrega consigo uma bagagem de experiências; cada professor tem seu modo de aplicar uma atividade, pois ele tem a prática e também as teorias necessárias ao desenvolvimento do aluno. De acordo com Sâmara Santana (2009), “o conteúdo, a produção e as atividades em sala de aula dependem da relação construída com o contexto cultural do aluno”. O ensino contemporâneo de Artes Visuais deve ser coerente com esse contexto e acessível aos estudantes.

O modo como cada professor aplica uma atividade faz com que o ensino de Arte seja bem atraente, porque ele precisa conhecer sua turma e saber que cada aluno traz experiências de vida diferentes e, conseqüentemente, terá de recriar, reelaborar e reinventar diariamente a melhor maneira de trabalhar a Arte. E não podemos deixar de citar que a Arte trabalha com emoções e sentimentos, por isso o professor precisa conhecer as metodologias e se adequar a fim de propiciar uma aprendizagem completa aos alunos. Tudo isso faz com que ele adquira, no decorrer de sua prática, uma expressiva experiência que será refletida na aprendizagem dos estudantes.

As mudanças na História do Ensino de Artes no Brasil foram ocorrendo lentamente e passaram por interesses políticos, econômicos e ideológicos. Foram aprovadas leis que, infelizmente, nada acrescentaram ao ensino de Artes, até a aprovação da Lei

de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN – Lei nº 9394/96), que excluiu a antiga Educação Artística e inseriu, na Educação Básica, o ensino de Artes.

Este trabalho descreve, ainda, uma breve história da trajetória do ensino de Artes no Brasil, buscando refletir sobre o que é a Arte. Por meio de uma pesquisa qualitativa e quantitativa foram entrevistados professores de Artes da Educação Básica do ensino público e/ou privado, com breves entrevistas semiestruturadas em espaços não-formais de ensino. O objetivo foi verificar o que motivou essas vivências extramuros escolares, em relação ao ensino de Arte; se houve e qual foi a possível influência do exercício da atividade artística pelo professor na sua escolha e na condução da atividade educativa. Os espaços informais foram escolhidos de acordo com a existência e frequência de visitas escolares agendadas. Os dados colhidos partiram da observação não participante, feitos em anotações e interpretados, posteriormente, sem a interferência do entrevistador.

A pesquisa está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, apresento de forma sucinta a história do ensino das Artes no Brasil, bem como a importância da Arte para o desenvolvimento humano, buscando refletir sobre o ensino de Artes na atualidade. No segundo capítulo estão apresentadas as características básicas de um professor que aceita o desafio de “ensinar” Arte. O Capítulo 3 traz o resultado de entrevistas realizadas com professores de Artes da Educação Básica, de escolas formais e não-formais, bem como a análise e interpretação dos dados da pesquisa desenvolvida neste trabalho. Ao final, apresento algumas considerações acerca do estudo realizado e as referências bibliográficas utilizadas.

1. BREVE HISTÓRIA DO ENSINO DE ARTES NO BRASIL

Estudar e refletir sobre o papel atual de um professor ou de pessoas que estão envolvidas no ensino de Artes não pode ser feito sem também se conhecer a evolução do ensino de Arte no Brasil, desde o seu Descobrimento até a atualidade. É de grande importância que saibamos, como educadores ou não, que Arte é uma disciplina relevante no Currículo Escolar, tanto quanto qualquer outra, e que muito contribui para a formação do aluno.

Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, Arte representa o melhor trabalho do ser humano. (BARBOSA, 2002, p: 4)

Destacam-se, a seguir, os acontecimentos mais significativos sobre o ensino de Artes no Brasil. Pode-se claramente notar que, mesmo antes de o Brasil ser descoberto pelos portugueses, o povo que aqui vivia - os nativos - já possuía uma manifestação cultural e artística próprias, com seus costumes, hábitos e crenças. Com a chegada dos europeus, os indígenas brasileiros sofreram forte agressão, sendo obrigados, induzidos, a aceitarem uma nova realidade, totalmente diferente, que lhes foi imposta.

A História do ensino de Artes do nosso País está ligada a outras histórias e a métodos culturais “testados” em outros países.

A primeira manifestação do ensino de Artes no Brasil se deu quando aqui chegaram os jesuítas. Era deles a responsabilidade pelo ensino de Arte. Eles vieram com o propósito de disseminar a fé, educar os indígenas e o povo que por aqui viviam. Com toda a influência vinda de Portugal, mas com um jeito bem-brasileiro, surge o Barroco brasileiro. O ensino de Arte era formal, com oficinas e um mestre para orientá-las. Com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, em 1759, por razões políticas e administrativas, o ensino de Arte passa a ser voltado para o desenho, principalmente o desenho geométrico. Em 1800, ocorreu outra mudança: por meio das aulas-régias é incluído o desenho de modelo vivo.

Conforme alerta Barbosa (2002),

(...) expulsá-los não significou, portanto, expurgar o País de suas ideias, que continuaram a germinar em virtude da ausência de ideias novas que substituíssem aquelas veiculadas pela ação missionária e colonizadora dos jesuítas no Brasil. (BARBOSA, 2002, p: 21)

Em 1808, com a vinda da Família Real para o Brasil, o País passa por grandes transformações como, por exemplo: é criada a imprensa, mas no ensino não houve nenhum destaque, pela ausência de uma política educacional sistematizada.

Em março de 1816, chega ao Rio de Janeiro a Missão Francesa, chefiada por Joachim Lebreton (1760-1819), que trouxe para o Brasil artistas e artífices, entre eles o pintor Jean Baptiste Debret (1768-1848), o escultor Auguste Marie Taunay (1768-1824) e o arquiteto Grandjean de Montigny (1776-1850). Todos esses artistas eram membros da Academia de Belas Artes francesa. Vieram instaurar o ensino do desenho.

Ainda de acordo com Barbosa (2002):

Aqui chegando, a Missão Francesa já encontrou uma Arte distinta dos originários modelos portugueses e obra de artistas humildes. Enfim, uma Arte de traços originais que podemos designar como barroco brasileiro. Nossos artistas, todos de origem popular, mestiços em sua maioria, eram vistos pelas camadas superiores como simples Artesãos, mas não só quebraram a uniformidade do barroco de importação, jesuítico, apresentando contribuição renovadora, como realizaram uma Arte que já poderíamos considerar como brasileira. (BARBOSA, 2002, p: 19)

Neste mesmo ano de 1816, é criada - por Decreto - a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios que, em 1820, passa a ser a Academia Real de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil; logo depois, Academia de Artes, e, finalmente, em 1826, é instalada com o nome de Academia Imperial de Belas Artes, primeiro estabelecimento de Ensino Superior de Artes com aulas de desenho, pintura, escultura e arquitetura. No período republicano, seu nome foi alterado para Escola Nacional de Belas Artes.

Eram todos neoclássicos convictos e interferiram ostensivamente na mudança de paradigma estético no Brasil. Quando chegaram, encontraram um barroco florescente. Importado de Portugal, o barroco havia sido modificado pela força criadora dos artistas e artífices brasileiros, e podemos dizer que já existia um barroco brasileiro bem diferente do português, do espanhol e do italiano, muito mais sensual e até *kitsch*, se quisermos usar uma designação atual. (BARBOSA, 2007, p: 31)

A Arte brasileira que era genuinamente popular passa a ter influência do estilo europeu vigente, o estilo Neoclássico, e vai se tornando uma Arte para a burguesia, para a elite. O desenho era matéria obrigatória e era feito em cópias de estampas, que, na maioria das vezes, não tinha nada a ver com a nossa realidade.

Com a Proclamação da República, em 1889, o ensino da Arte sofreu modificações. O desenho era o elemento principal do Ensino Artístico. Com a Revolução Industrial, o desenho passou a ser visto como uma possibilidade de entrada para a industrialização. Nessa época, o desenho servia à ciência e à produção industrial utilitária.

O ensino de Arte brasileiro sempre recebeu influências, ora de europeus ora de americanos. A partir de 1920, foram introduzidas ideias e técnicas americanas e o desenho passou a ser incluído no Currículo Escolar como atividade de apoio a outras disciplinas escolares. Rui Barbosa lutou para que isso fosse uma realidade em nosso País.

Com a Semana de Arte Moderna de 1922, o ensino adquiriu outra conotação: Mário de Andrade e Anita Malfatti trouxeram um novo ideal de que o ensino deveria ser livre nas escolas; as crianças deveriam ser livres para se expressarem artisticamente.

Em 1930, surge o Movimento da Escola Nova, um movimento renovador trazido pelo filósofo americano John Dewey, no qual a educação passa a ser uma necessidade social, e era muito importante que o aluno aprendesse, levando-se em consideração seus interesses e suas necessidades.

Durante um momento político marcante no País que foi a ditadura Vargas, o ensino de Arte perdeu muito, pois os governantes pouco se importavam com a Arte-educação e as aulas de Arte continuaram com o modelo de cópias.

De 1937 a 1945, o estado político ditatorial implantado no Brasil, afastando das cúpulas diretivas educadores de ação renovadora, entrou o desenvolvimento da Arte-educação e solidificou alguns procedimentos, como o desenho geométrico na escola secundária e na escola primária, o desenho pedagógico e a cópia de estampas usadas para as aulas de composição em Língua Portuguesa. (BARBOSA, *apud* GOUTHIER, 2009, p: 37).

Em 1948, Augusto Rodrigues, Margaret Spencer e Lucia Valentim fundaram no Rio de Janeiro a Escolinha de Arte do Brasil (EAB), que depois seria transformada no Movimento de Escolinhas de Arte (MEA), um conjunto de 140 escolinhas de Arte espalhados por todo o território nacional. Era uma instituição de ensino moderno, não formal, que recebia esse nome simplesmente por uma forma carinhosa; uma escola para pequenos que tinha a meta, o objetivo, de educar a criança e o adolescente por meio da Arte.

A chamada Pedagogia Tradicional ocorreu a partir dos anos 1950: o ensino era feito sem a preocupação com a realidade social ou com as diferenças individuais do aluno.

Os anos 1960 foram marcados pela livre expressão e espontaneidade. A Arte vinha de dentro, do interior do ser humano, não tinha preocupação com o realismo.

Em 1971, com a Lei nº 5.692/71, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), o ensino de Arte no Brasil passou a ser obrigatório no Currículo Escolar do 1º e 2º graus, porém não havia professores formados para lecionar esta disciplina. Em 1973, o Governo criou o Curso de Graduação em Educação Artística, com foco na Licenciatura. E nesse mesmo ano, uma Pedagogia Libertadora “entra” no ensino, comandada pelo educador Paulo Freire, e voltada para a consciência crítica da sociedade.

Após a promulgação da Constituição Federal, em 1988, foi criada, oito anos mais tarde, a nova LDBEN, Lei nº 9.394/96, que mantinha a obrigatoriedade da Arte na Educação Básica. Foram definidos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Arte nas quatro modalidades:

O ensino da Arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (LDBEN/96, art. 26, § 2º)

Nos anos 1980, um grupo de professores preocupados, ansiosos, por novas metodologias e buscando novas ideias para o ensino de Arte se organizam e fazem emergir no Brasil o Movimento de Arte e Educação. Eles queriam discutir, valorizar e aperfeiçoar o papel do professor de Arte e, conseqüentemente, o ensino de Arte.

Partindo desse ideal de inovação, uma proposta renovadora surgiu - a Proposta Triangular Sistematizada, apresentada pela Arte-educadora Ana Mae Barbosa:

Dos anos 1990 em diante, temos aqui no Brasil, sistematizada por Ana Mae Barbosa, uma concepção de construção de conhecimento em Artes denominada “Proposta Triangular do Ensino de Artes”; nela postula-se que a construção do conhecimento em Artes acontece quando há a interseção da experimentação com a codificação e com a informação. Considera-se como sendo objeto de conhecimento dessa concepção, a pesquisa e a compreensão das questões que envolvem o modo de inter-relacionamento entre a Arte e o Público, propondo-se que a composição do programa do ensino de Artes seja elaborado a partir de três ações básicas, que executamos quando nos relacionamos com a Arte: ler obras de Arte; fazer Arte e contextualizar a Arte. (BARBOSA, 2003, p: 66)

Em entrevista concedida por Ana Mae Barbosa para a Agência USP de Notícias, (2007) a Arte-educadora afirma:

Um país só pode ser considerado culturalmente desenvolvido se ele tem uma alta produção e também uma alta compreensão dessa produção. A linguagem visual nos domina no mundo lá fora e não há nenhuma preocupação dentro da escola em preparar o aluno para ler essas imagens. O público quer conhecer; falta educação para a Arte. (BARBOSA, 2007)

1.1. A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA ESCOLA

A Arte é de grande importância na vida das pessoas, porque ela acompanha o desenvolvimento do ser humano desde as suas origens. Sendo fator essencial de humanização, a Arte é fundamental na educação do indivíduo. Sueli Ferreira (2004, p.15) afirma: “As Artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que é nas culturas que nos constituímos como sujeitos humanos”.

Para Ferraz e Fusari (1999),

(...) o fundamental, portanto, é entender que a Arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo. (FERRAZ & FUSARI, 1999, p: 16)

As autoras defendem que desde muito cedo, ainda na Infância, por meio de várias opções de manifestações culturais, acontecem influências que serão muito importantes ao longo da vida sobre a maneira de alguém fruir Arte.

O artista plástico Paulo Miranda descreve sua experiência desde criança com o mundo ao seu redor, como se deram seus primeiros contatos com a estética e com o fazer artístico, além da descoberta de possibilidades nesse mundo à sua volta:

Catar coisas para depois reuni-las numa nova combinação faz parte do meu universo desde criança. Desde muito cedo me vi garimpando essas coisas na fazenda onde morávamos. Não me interessava pelo trabalho na lavoura, tarefa dos adultos, mas pelo que o espaço da fazenda me proporcionava de matérias as quais eu podia recolher e transformar. Sempre me interessei por pedaços de madeira, fragmentos de pedra e pela terra; na verdade, o que me atraía era a possibilidade de colorir com essa terra. Pintava tudo, depois elegia os melhores para colocá-los na sala de nossa casa. (MIRANDA, 2004, p: 11).

Dentre os acontecimentos mais relevantes no ensino da Arte, merecem destaque:

O ensino da Arte nem sempre fez parte do Currículo nacional:

A LDBEN/96 excluiu a Educação Artística e inseriu o ensino de Arte na Educação Básica. A partir de então, uma mudança nos paradigmas da Arte-Educação brasileira começou a se consolidar de forma mais atuante, visto que várias discussões ocorridas anteriormente, formuladas por teóricos importantes, e a atuação das associações estaduais de Arte-educadores aliados à Federação de Arte-Educadores do Brasil (FAEB) ajudaram a formar essa lei. (SANTANA, 2008, p: 24)

Como consequência da aprovação da LDBEN, o Ministério da Educação fez a primeira edição, em 1997, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a fim de apontar metas de qualidade para a educação do cidadão participativo, reflexivo, autônomo e conhecedor de seus direitos e deveres. Esses Parâmetros foram elaborados para servir de referência ao trabalho do professor, respeitando-se a concepção pedagógica própria e a pluralidade cultural brasileira.

A Abordagem Triangular do ensino da Arte, feita no Brasil no final de 1980, pela professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa, anterior à LDBEN, já aponta mudanças inspiradoras de novas diretrizes no seu ensino. Essa proposta surgiu com a intenção de se fazer uma abordagem ampliada do conhecimento em Artes: ler uma obra de Arte, fazer Arte e a contextualizar.

A Proposta Triangular deriva de uma dupla triangulação. A primeira é de natureza epistemológica, ao designar os componentes de ensino/aprendizagem por três ações mental e sensorialmente básicas, quais sejam: criação (fazer artístico), leitura da obra de Arte e contextualização. A segunda triangulação está na gênese da própria sistematização, originada em uma tríplice influência, na deglutição de três outras abordagens epistemológicas: as *Escuelas al Aire Libre* mexicanas, o *Critical Studies* inglês e o Movimento de Apreciação Estética aliado ao DBAE (*Discipline Based Art Education*) americano. (BARBOSA, 1998, p: 33)

Essa tríade permite que o aluno compreenda uma obra de Arte e as condições em que ela foi feita; como era o mundo e as pessoas daquela época e, a partir disso, comparar com os dias atuais; os materiais usados, os novos contextos, etc. O processo da tríade precisa ser entrelaçado, não pode separar cada fase ou distanciá-las. Ana Barbosa (1998) acredita que o processo de estudar e fazer Arte devem ser pensados a fim de desenvolver a cognição e também como forma de aprendizagem – o que caracteriza novo desafio ao professor, cujo papel destacaremos a seguir.

2 O NOVO PAPEL DO PROFESSOR DE ARTE

Como em todo o ensino, o papel do professor de Arte é também de grande importância. No Brasil, a formação e preparação do educador vêm cada dia mais se intensificando em todo o País, fazendo com que a capacitação chegue a alcançar um grande número de profissionais que atuam em escolas públicas e/ou particulares. Mas é sabido que o professor enfrenta dificuldades diárias e está sempre buscando sua valorização profissional - por isso há a necessidade de conhecer e compreender toda a trajetória e as modificações que ocorreram no ensino de Arte e, conseqüentemente, com estes profissionais.

A Arte como disciplina já faz parte do Currículo Escolar. Para ser trabalhada em sala de aula, é necessário que seu ensino seja bem-estruturado. O professor necessita definir metodologias específicas para que a Arte possa ser ensinada e aprendida na escola.

(...) se pretendemos contribuir para a formação de cidadãos conhecedores da Arte e para a melhoria da qualidade da educação escolar artística e estética, é preciso que organizemos nossas propostas de tal modo que a Arte esteja presente nas salas de aula e se mostre significativa na vida das crianças e jovens. (FERRAZ & FUSARI, 1999, p: 15)

A Arte na Educação brasileira passou por diferentes momentos históricos, marcados por interesses políticos, ideológicos e econômicos, que conseqüentemente influenciaram o Currículo Escolar e criaram ações que caracterizaram esse ensino em cada um dos momentos educativos. Dentro das grandes mudanças ocorridas no ensino da Arte, o papel do professor de Arte também mudou. Essas transformações afetaram o comportamento do professor de forma significativa. Muitas vezes, os professores não estavam preparados para as grandes modificações e, por isso, essas mudanças no ensino estavam fadadas ao insucesso.

Isto nos faz ver que as correlações dos movimentos culturais com a Arte e com a educação em Arte não acontecem no vazio, nem desenraizadas das práticas sociais vividas pela sociedade como um todo. As mudanças que ocorrem são caracterizadas pela dinâmica social que interfere, modificando ou conservando as práticas vigentes. (FERRAZ & FUSARI, 1999, p: 28)

O professor de Arte precisa ser criativo, ensinar conhecimentos e proporcionar condições para que seus alunos desenvolvam suas habilidades, tais como as de observação e percepção. O mundo atual é fortemente influenciado pela televisão, computador, internet, enfim, a mídia de um mundo fora da escola. O professor terá que ser o elo entre esses dois mundos distintos.

Conforme afirma Santana (2008),

(...) dessa forma, o professor responsável pela disciplina Arte possui uma responsabilidade diferenciada, pois se espera, atualmente, que ele tenha um conceito de Arte/Educação que incentive e propicie ao sujeito uma oportunidade de executar suas próprias ideias, ser capaz de fazer inter-relações, imaginar novas estruturas de pensamento e, certamente, construir conhecimento. (SANTANA, 2008, p: 28).

A Professora Lucia Pimentel (1999) defende que o professor de Arte precisa ser um pesquisador constante, “de plantão”, e que o ideal é que ele esteja em atividade como artista. O professor-artista, que está envolvido com o mundo da Arte, pode fazer da sua sala de aula um lugar de conhecimento da Arte, trazendo para os seus alunos outras vivências da Arte para o ensino formal, por meio de exposições, viagens culturais, filmes, apresentações, por exemplo, do espaço informal de ensino.

Sem dúvida, são inúmeras as contribuições dos artistas para o aprendizado da Arte na escola. Aliás, sem os artistas, não haveria sequer razão para cogitar uma aula de Arte nos currículos. Há pelo menos duas décadas, graças às contribuições de Ana Mae Barbosa e de sua geração de Arte-educadores, o ensino de Arte tem sido intimamente ligado ao universo dos artistas, dos “fazedores” de Arte. (MARQUES & BRAZIL, 2005)

O professor-artista ou aquele que possui, pelo menos, algum trabalho em Arte cria, aprecia e conhece uma obra de Arte, portanto, ele tem uma vivência pessoal para comunicar e entusiasmar, motivar seus alunos, criar possibilidades para que eles mesmos criem, recriem, apreciem seu fazer, além de avaliá-los em determinado contexto.

Ou seja, é essencial que o professor assuma também, sem susto e sem medo, sua função de artista, de produtor, de pesquisador e de apreciador de Arte. Esta é uma das grandes riquezas a serem vividas e discutidas com os alunos. É importante que o professor de Arte torne-se um professor-artista, e não um mero passador de técnicas ou informações. (MARQUES & BRAZIL, s/d.)

Hoje, todos podem compreender e usufruir da Arte, que deixou de ser apenas um conhecimento para “distrair os alunos” e passou a ser um instrumento que leva o aluno a pensar, apreciar, interpretar e contextualizar, com o qual o aluno pode experimentar um fazer artístico. Por isso, o papel do professor passa a ser também o de um pesquisador, porque juntos podem trocar experiências, ensinar e aprender.

Com o ensino de Arte, o aluno pode obter um conhecimento que, no futuro, servirá para seu desenvolvimento profissional, abrindo caminhos e criando possibilidades.

O professor de Arte precisa ser investigativo, ele tem de ter conhecimento de teorias e práticas, se calçar de uma bagagem significativa de conhecimentos em Arte para apresentar aos seus alunos. Quando ensinamos, estamos também aprendendo.

Conforme já citado nesta Pesquisa e demonstrado pela professora Dra. Lucia Pimentel (1999), o ideal é que o professor esteja em atividade artística, atuando de algum modo. Ele precisa ser pesquisador, pesquisar as diversas possibilidades de criação plásticas e, ainda, conhecer e estabelecer relações com a história da Arte e ter conhecimento da produção contemporânea. Enfim, ele tem de explorar suas potencialidades.

Ao professor, cabe elaborar bem o material didático para o ensino de Artes Visuais, pois este será o responsável pela atenção, participação e integração do aluno na atividade proposta e que será aplicada. O material tem de ser ajustado ao ambiente escolar, adaptado à realidade dos alunos, fazendo com que eles se sintam motivados a participar, tenham iniciativa, inventem, criem e, finalmente, critiquem e saibam justificar sua opinião. Para se ter sucesso com o material didático, é fundamental que o professor conheça técnicas, linguagem artística e tenha uma vivência em Artes para saber usá-las. Cada turma tem uma reação e só esse professor “atenado” saberá agir com sensibilidade e experiência na melhor execução de seu plano de aula.

Baseada nas mudanças ocorridas é que pretendo analisar a maneira de ministrar aulas de professores-artistas e não artistas, observar como as mudanças no ensino de Arte refletiram na maneira como o professor vai atuar em sala de aula, e

considerando que pessoas formadas em Arte estão atuando em diferentes áreas do mercado profissional

Além dos livros impressos, que devem ser feitos para serem abertos, vistos e manuseados, existem hoje várias possibilidades de materiais que podem ser adotados, como: o computador; a internet com seu poder absoluto de ver tudo a tempo e a hora (o chamado tempo real); os vídeos; as multimídias; os filmes; os celulares; as câmeras fotográficas; as filmadoras, etc.. Hoje, tudo está mesmo voltado para as novas tecnologias e os alunos são os primeiros a ter domínio sobre elas. Por isso, precisamos buscar a melhor maneira de trazer esse conhecimento digital para a Arte. Essa tarefa fica por conta do professor, que fará seu planejamento usando essas inúmeras possibilidades. Tarefa que sei muito difícil, mas que vale a pena e que, muitas vezes, nos surpreende com a criatividade de cada aluno.

3 A PESQUISA

3.1 METODOLOGIA ADOTADA NA PESQUISA

Dentro da pesquisa em ensino de Arte, a Professora Dra. Lucia Gouvêa Pimentel diz:

O professor de Arte precisa ser um pesquisador constante, “de plantão”. Fica claro que o ideal é que ele esteja em atividade como artista, mesmo que não tenha inserção destacada no mercado de Arte. A pesquisa do fazer artístico se faz no próprio fazer e na reflexão sobre ele; a do ensinar Arte se faz no fazer/aprender/ensinar e na sua reflexão. Assim, atuar como artista é condição importante na pesquisa em ensino de Arte, assim como atuar como “ensinador”. (PIMENTEL, 1999)

Com base nesses dizeres, buscou-se verificar se o professor de Arte que tem um trabalho artístico paralelo ao de professor pode ser mais reflexivo, mais didático; e se sua vivência em ambiente artístico pode contribuir para o melhor aproveitamento dos alunos que a dos professores que não têm esse trabalho paralelo.

Para tanto, foram entrevistados professores de Arte da Educação Básica do ensino formal público e/ou privado, por meio de breves entrevistas semiestruturadas em espaços não-formais de ensino.

O objetivo foi verificar o que motivaram essas vivências extramuros escolares para uma atividade de ensino de Arte; se houve e qual seria a possível influência do exercício da atividade artística pelo professor na escolha e na condução da atividade.

Os espaços informais foram escolhidos de acordo com a existência e a frequência de visitas escolares agendadas. Inicialmente, foram escolhidos espaços culturais aonde se realizavam alguma exposição de Arte.

O primeiro local visitado foi o Palácio das Artes, que abrigava a exposição “A Magia de Escher” (ver Anexo B). Entrou-se em contato com a diretora de Artes desta instituição para pedir autorização e explicar os objetivos desta Pesquisa.

Logo após o consentimento e a explicação de como seria a pesquisa, a diretora fez um convite para que participasse, em 25 de setembro de 2013, de um encontro para professores interessados em conhecer e receber mais informações sobre o artista e a didática da exposição. Esse encontro foi guiado por uma Arte-educadora da instituição. Compareceram 15 professores, tanto do ensino público quanto particular.

O segundo local visitado foi o Espaço Cultural Banco do Brasil, com a exposição “Elles: Mulheres Artistas na Coleção do Centro de Pompidou”. O mesmo procedimento foi feito: pedido de permissão ao diretor do local para entrevistar professores que estavam com hora agendada para visita, acompanhados de seus alunos.

Os dados foram coletados por meio de observação não participante, colhidos em anotações e interpretados posteriormente. Foram feitas dez entrevistas nesses locais. Os professores entrevistados são da Rede pública e particular de ensino e também de projetos sociais do Governo de Minas.

A opção pela entrevista é interessante por ser um método que permite a obtenção das informações de maneira rápida. Porém, é preciso muito cuidado por parte do entrevistador para que essa fique isenta de influências, sobretudo do próprio pesquisador.

A entrevista foi semiestruturada em questões para cada participante (ver Anexo A), considerando aquelas relativas à formação e atuação destes profissionais no ensino de Artes Visuais. Participaram da pesquisa dez professores. Os professores que visitavam as exposições eram informados por Arte-educadores locais que a sua visita seria acompanhada por um pesquisador e que, ao final, seria realizada a entrevista.

As entrevistas foram realizadas sem problemas e ficou claro que os professores gostaram de responder às perguntas, aproveitando algumas questões para um desabafo, como no que diz respeito à falta de bons lugares e boas exposições para levarem seus alunos.

3.2. RESULTADOS OBTIDOS NA PESQUISA

Ao serem questionados se possuem algum tipo de atividade artística paralela a de professor, 40% dos entrevistados responderam que sim. Deste universo, dois são fotógrafos; um, além de fotógrafo, faz cenários para teatros e shows, estuda mestrado em Artes na UFMG. Outros dois professores são pintores, sendo uma formada em Belas Artes pela UFRJ e Pós-Graduada em Londres, já participou com seus quadros em exposições coletivas. Os outros fazem artigos decorativos e tapeçaria. 60% não possuem atividades paralelas ao ensino, relacionadas à Arte, conforme pode ser visualizado no gráfico a seguir:

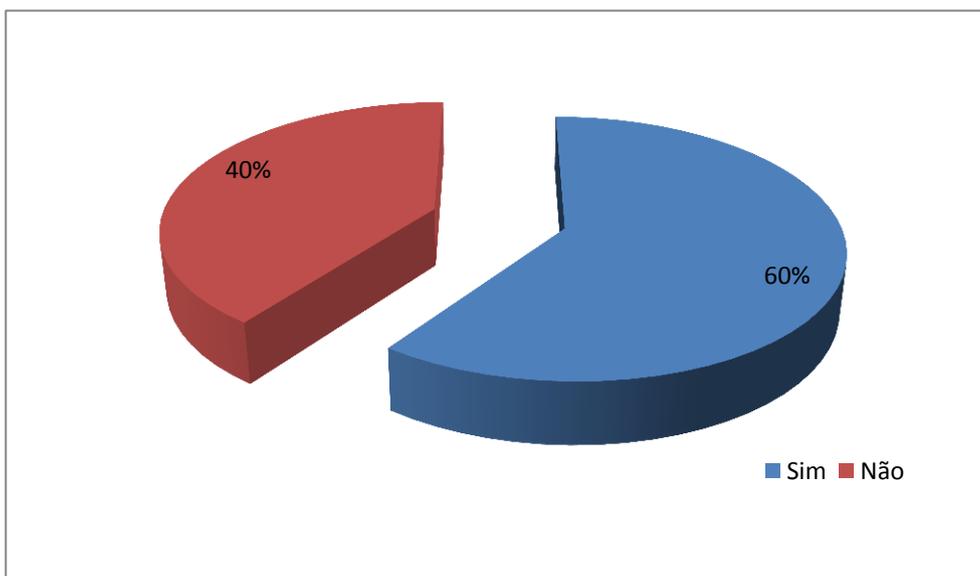


Gráfico1 - Professores com atividades paralelas ao ensino da Arte

Dentre os professores pesquisados, quatro não têm trabalho artístico definido, dois são formados em Artes e os outros em Pedagogia, com Pós-Graduação em Artes pela UEMG. Eles gostam de Arte, apreciam muito a disciplina, mas não têm tempo para se dedicarem. Querem, no futuro, se dedicar. Os demais participantes possuem trabalho artístico paralelo.

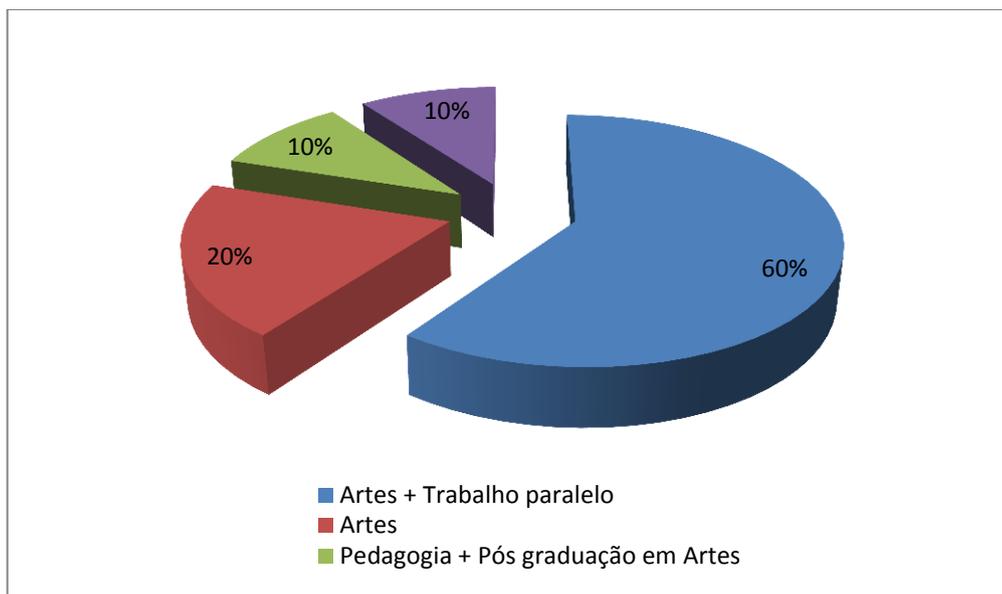


Gráfico 2 – Formação dos professores entrevistados

Todos os entrevistados disseram que a ideia da visita às exposições foi própria, que ficaram sabendo em *e-mails* e pela mídia. Dois dos professores disseram que sempre passam no Palácio das Artes, pois acham que nessa Galeria sempre acontecem exposições que valem a pena ser visitadas por ele e pelos seus alunos.

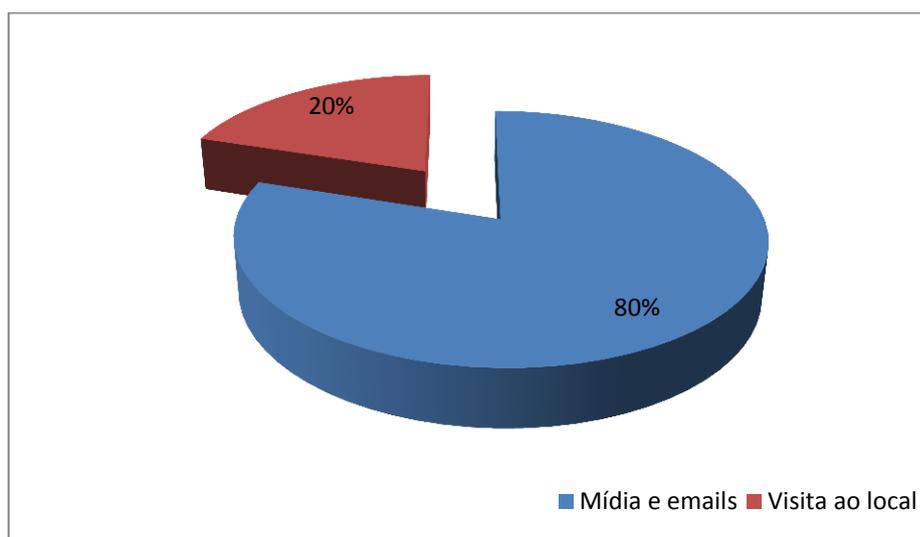


Gráfico 3 – Forma de conhecimento para a visita às exposições

Quase todos responderam que já levaram seus alunos em outros espaços culturais. O Museu do Inhotim, para ter contato com a Arte contemporânea, foi o Museu mais visitado por eles; apenas um entrevistado nunca levou seus alunos, mas sonha em fazer isso. A Casa Fiat de cultura também foi visitada. Outro entrevistado disse que já levou seus alunos em outros espaços, mas que nem todas as exposições são adequadas aos seus alunos, então ele seleciona e se queixa por não haver, em Belo Horizonte, qualidade nos temas apresentados, nas exposições em geral.

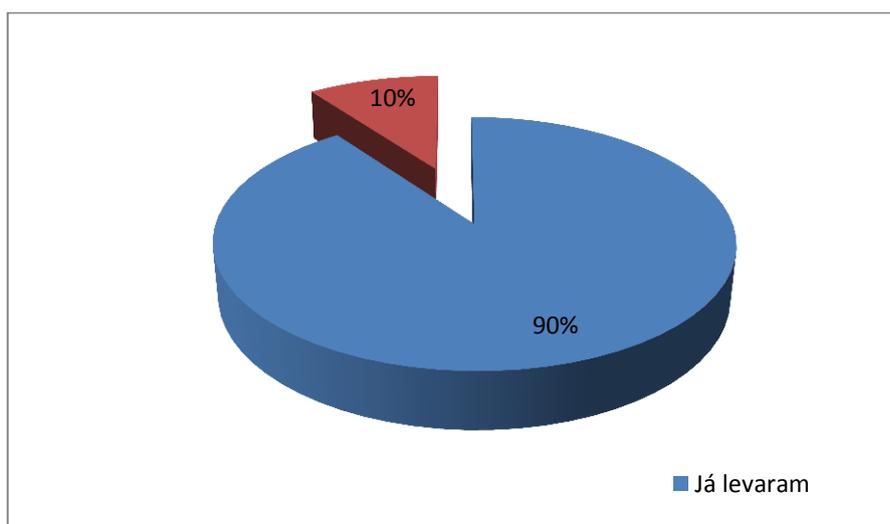


Gráfico 4 – Frequência de visitas anteriores

Em relação à motivação dos alunos ao visitarem exposições fora do espaço escolar, todos responderam que sim, eles ficam motivados; que, com certeza, os alunos aproveitam bastante. Eles ficam atentos e querem depois trazer toda a família para outra visita. Um professor que é formado em Artes, mas não tem trabalho artístico, respondeu que antes de visitarem determinada exposição, ele trabalha em sala de aula a obra do artista que será visitado, para depois fazerem um trabalho em sala sobre ele, pois assim surgem ótimos resultados. Outra professora também formada em Artes, mas que não tem trabalho artístico paralelo, disse que trouxe seus alunos da 6ª série, pois eles estão aprendendo sobre “visão de ótica”, então com essa visita a aprendizagem será enriquecida. A professora que trabalha em uma escola particular, além de ter trabalho artístico paralelo, leciona na Educação Infantil, disse que o resultado depende muito do artista visitado, pois há exposições em que seus

alunos passam pelas obras e nada chama a atenção deles, mas que essa [A Magia de Escher] ela sentiu que seus alunos estavam adorando.

3.3 ANÁLISE DA PESQUISA E DISCUSSÃO DOS DADOS

Baseado nas respostas obtidas com as entrevistas constata-se que os professores de Arte são interessados e procuram se calçar de uma bagagem significativa de conhecimento para transmitir aos seus alunos. Independente de ter ou não um trabalho artístico paralelo, na profissão de professor ele investiga práticas e sabe das necessidades dos alunos.

Nota-se que eles são pesquisadores, sim; eles se interessam por pintores, ensinam gravura em sala de aula, discutem fotografia e, ainda, estabelecem relações com a História da Arte. Conhecem a produção contemporânea, têm anseios de levarem seus alunos até os lugares de Arte mais visitados na cidade, independente de terem trabalho artístico ou não.

Ficou claro nessa Pesquisa que os professores, independentemente de seu trabalho artístico, clamam por espaços de Arte mais adequados para levarem seus alunos, portanto, eles sabem que esse é um método eficaz de ensinar Arte: levando os alunos onde o artista está! Afirmam, ainda, que não é qualquer exposição que será bem-aproveitada. Os professores têm percepção para distinguir o que é melhor e de mais proveito para seus alunos. Isso foi verificado que eles sabem muito bem.

Ao acompanhar a visita, percebemos que a professora que tem um trabalho artístico paralelo - ela faz cenários para teatro, mostra-se mais entusiasmada com as obras de serigrafia expostas - entendia dessa técnica e explicou todo o processo, atraindo a atenção de seus alunos para a sua explicação. Portanto, nessa Pesquisa, o que diferenciou os tipos de professor de Arte foi, nesse momento, que o conhecimento da técnica faz com que um professor artista se destaque.

O professor precisa ser um pesquisador, buscar as diversas possibilidades de criação plástica e, ainda, conhecer, estabelecer relações com a História da Arte e ter conhecimento da produção contemporânea. Enfim, ele tem de explorar suas potencialidades. A partir daí, o professor faz, ensina e, conseqüentemente, aprende.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final dessa monografia podemos ver como foi enriquecedora esta experiência. A princípio, essa Pesquisa seria feita em salas de aulas do ensino público ou privado; contudo, foram visitadas escolas para realizá-la, e não foi obtido o aval para participar como ouvinte das aulas de Arte. Portanto, a investigação mudou de rumo, ocorrendo mudanças, principalmente, no local da Pesquisa - que passaria a ser feita em lugares onde o professor artista (com um trabalho artístico paralelo ou não) estaria levando seus alunos para uma vivência extramuros. A mudança, o novo caminho para a Pesquisa foi benéfico, pois o contato direto com vários professores de Arte - a conversa com cada um em ambiente não-formal de ensino - trouxe dados surpreendentes para a pesquisadora, sobretudo como o novo papel do professor é significativo para a fruição da Arte.

A satisfação por parte dos professores entrevistados em falar do seu próprio trabalho - os que exercem atividade artística paralela - foi bem-observada; já nos que não exercem atividades paralelas vê-se o orgulho em conhecerem as variadas atividades artísticas que existem e também de partir deles a iniciativa de participarem de um ambiente fora da escola, de uma exposição como a visitada, dentro de uma mostra bem-elaborada e com várias atividades interdisciplinares.

Independente de terem, ou não, um trabalho artístico paralelo, os professores entrevistados são preocupados em estar em sintonia com o Mundo da Arte e querem se instruir para dividir seu conhecimento com seus alunos; são “ligados” na mídia e na internet. Reivindicam galerias, museus, teatros e demais espaços culturais para levarem seus alunos; acham que o resultado de uma vivência extramuros é gratificante.

Enfim, de acordo com essa observação e as entrevista aplicadas com os dois tipos de professor de Arte, artistas ou não, em uma vivência extramuros escolares, nota-se que cada professor é diferente, teve sua formação em diferentes escolas e até em Cursos que não são de Arte, mas eles possuem algo em comum: todos têm consciência de seu papel, de sua responsabilidade em motivar seus alunos. E

independentemente do fato de terem habilidades ou exercerem atividades artísticas paralelas, nada influencia na maneira de desenvolverem uma atividade bem-elaborada e de motivarem seus alunos.

É importante reafirmar que o ensino de Artes Visuais deve ser capaz de fazer com que os alunos reflitam e questionem sobre os principais elementos que compõem uma obra de Arte, seja ela antiga ou contemporânea. Deve estimular o aluno a fazer e a criticar, ampliando sua visão estética, pois ele vai trabalhar e desenvolver vários sentidos, como a percepção, a reflexão e o julgamento. E nunca considerar o ensino de Artes como uma “distração para entreter os alunos”, mas, sim, para contribuir fortemente na sua formação integral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, A. M. *A imagem no ensino da Arte*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____ *Arte-Educação no Brasil: debates*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____ (org). *Inquietações e Mudanças no Ensino de Arte*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____ *Arte como educação e cidadania*. Disponível em <<http://www.usp.br/agen/bols/2000/rede529.htm>>. Acesso em 28/11/2013.

_____ *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/ARTE, 1998.

FERREIRA, S. *O ensino das Artes*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2004.

FERRAZ, M. H. & FUSARI, M.. *Metodologia do Ensino de Arte*. São Paulo: Cortez, 2004.

LARA, I. Disponível em <<http://vsites.unb.br/fac/ncint/site/intro3.htm>> acesso em 20/05/2013.

MARQUES, I & BRAZIL, F. *O que o artista ensina?* Disponível em <http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=8112> Acesso 17/08/2013.

_____ *Quem não sabe ensina?* Disponível em <http://www.conexaodanca.art.br/imagens/textos/artigos/serieespecial4_Quem%20n%E3o%20sabe%20ensina.htm> Acesso em 20/09/2013.

MIRANDA, P. *Depoimento. Circuito Atelier*. Belo Horizonte: C/Arte, 2004.

PAREYSON, L. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PEREIRA, F. *Arte–Educação: Emoção e Racionalidade*. Belo Horizonte: Annablume, 2006.

SANTANA, S. *Fundamentos de Ensino de Artes Visuais*. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008.

WENDT, D. *Professor e artista uma reflexão sobre a prática docente*. Disponível em <http://www.utp.br/eletras/ea/eletras20/textos/Artigo20> Acesso em 19/05/ 2013.

ANEXOS

ANEXO A - Perguntas apresentadas aos professores entrevistados

1. No momento você tem alguma atividade artística paralela com a de professor?
Se sim, qual é?
2. Como surgiu a ideia dessa visita? Quem a propôs? Como você ficou sabendo
exposição?
3. Você já levou seus alunos em outras exposições?
4. Você acha que seus alunos se sentem motivados em ver trabalhos de artistas
fora da escola?

ANEXO B – Imagens da mostra “A Magia de Escher”, no Palácio das Artes/BH – 2013 (*)



Imagem 1 – Obra de M. C. Escher - 2013



Imagem 2 – Visitante observa desenho de M.C. Escher – 2013



Imagem 3 - Instalação inspirada na obra de M.C. Escher – 2013



Imagem 4 – Crianças observam desenho na mostra “A Magia de Escher” - 2013

(*) Imagens disponíveis em http://entretenimento.uol.com.br/album/escher_album.htm#/domínio público